

Julio Augusto Henriques (1838-1928): introdutor de Darwin na ciência portuguesa e cultor do evolucionismo em Portugal

Pedro Ricardo Fonseca

Ana Leonor Pereira

João Rui Pita

CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX
Universidade de Coimbra

O presente trabalho propõe-se fornecer uma imagem compreensiva do papel de Julio Augusto Henriques (1838-1928) enquanto cultor do evolucionismo em Portugal. Julio Henriques foi um dos cientistas mais notáveis de Portugal na Época Contemporânea. Professor catedrático de botânica (1873-1918) e diretor do Jardim Botânico (1873-1918) da Universidade de Coimbra, a ele se deve a fundação da Sociedade Brotariana (1880) e o início da publicação do seu *Boletim* (1880). A primeira série do *Boletim da Sociedade Brotariana* (1880-1920), revista científica que depressa alcançou uma projeção internacional, foi quase exclusivamente reservada à divulgação dos resultados obtidos no âmbito de um importante estudo coletivo que Julio Henriques incentivou e para o qual também contribuiu de forma significativa: o estudo da flora portuguesa. Para a execução deste estudo coletivo, Julio Henriques pôde contar com a colaboração de alguns dos muitos naturalistas que, ao longo de várias décadas de docência na Universidade de Coimbra, ajudou a formar. Mas pôde contar igualmente com a colaboração de botânicos de renome, quer portugueses, como, por exemplo, António Xavier Pereira Coutinho (1851-1939) e Gonçalo Sampaio (1865-1937), quer estrangeiros, como, por exemplo, Jules Daveau (1852-1929).

Foi também Julio Henriques quem, poucos anos após a publicação de *On the origin of species ...* (1859), inaugurou a defesa consistente da teoria biológica de Charles Darwin (1809-1882) em Portugal. Em 1865, com *As espécies são mudáveis?*¹⁴⁹, dissertação para o ato de conclusões magnas apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, e, em 1866, com *Antiguidade do homem*¹⁵⁰, dissertação de concurso para a mesma Faculdade, Julio Henriques analisou as provas oriundas de

¹⁴⁹ HENRIQUES, Julio Augusto. (1865), *As espécies são mudáveis?*. Dissertação para o ato de conclusões magnas, Coimbra, Imprensa da Universidade.

¹⁵⁰ HENRIQUES, Julio Augusto. (1866), *Antiguidade do homem*. Dissertação de concurso, Coimbra, Imprensa da Universidade.

diferentes disciplinas científicas que fundamentavam a teoria darwiniana e mostrou que compreendia na perfeição uma das principais componentes distintivas do darwinismo: a evolução não se processa de acordo com a ideia de progresso necessário e teleologia. Júlio Henriques mostrou-se igualmente recetivo perante uma das implicações mais perturbadoras do darwinismo para a mentalidade da época: o ser humano, sujeito às mesmas leis naturais que todos os animais e plantas, evoluiu a partir de formas de vida “inferiores”. Com efeito, na dissertação de 1866, Júlio Henriques aplicou a teoria biológica de Charles Darwin à espécie humana, procedimento que o naturalista inglês apenas concretizou cinco anos mais tarde com a obra *The descent of man ...* (1871).

O papel pioneiro de Júlio Henriques na introdução do darwinismo em Portugal já foi objeto de alguns estudos¹⁵¹. Todavia, pouco se sabe sobre a relação de Júlio Henriques com o pensamento evolucionista no período que se seguiu à publicação de *Antiguidade do Homem* (1866). A sua produção científica foi influenciada por conceitos evolucionistas? Os seus trabalhos pedagógicos incluíam tópicos relacionados com a evolução biológica? Dedicou-se à divulgação de ideias evolucionistas no nosso país? Manteve-se informado sobre os acontecimentos mais relevantes ao nível da história do evolucionismo? Estas são apenas algumas das questões para as quais nos esforçamos por encontrar respostas através da análise dos diversos trabalhos de Júlio Henriques publicados depois de 1866 (monografias, trabalhos pedagógicos, artigos, revistas, traduções, resenhas críticas, textos de homenagem e notícias necrológicas)¹⁵². Estas questões afiguram-se ainda mais importantes se nos lembrarmos que a receção do darwinismo nos diferentes contextos nacionais e regionais obedeceu a ritmos diferenciados¹⁵³ e que a História do Evolucionismo conheceu alguns dos seus

¹⁵¹ Vide: PEREIRA, A. L. (1991), “O espírito científico contemporâneo na Universidade de Coimbra. Júlio Augusto Henriques”. In: *Universidade(s) – História. Memória. Perspectivas. Actas do Congresso “História da Universidade (No 7º Centenário da sua fundação)”*, Coimbra, Comissão Organizadora do Congresso “História da Universidade”, Vol. 1, pp. 347-365; Idem (2001), *Darwin em Portugal. Filosofia. História. Engenharia Social – (1863-1914)*, Coimbra, Livraria Almedina; ALMAÇA, Carlos. (1997), *O Darwinismo na Universidade Portuguesa (1865-1898)*, Lisboa, Museu Bocage; LOUREIRO, Ana Catarina Capelo. (2007), *Júlio Augusto Henriques: pioneiro nas ideias evolucionistas em Portugal*. Tese de mestrado, s. l., s. n.

¹⁵² Para uma lista bastante completa dos trabalhos de Júlio Augusto Henriques, Vide: PEREIRA, J. T. M. (1980), “Ensaio de bibliografia henriquesiana”. *Boletim da Sociedade Broteriana*. 2.ª Série, 54, p. xxxv-lxix.

¹⁵³ Sobre este assunto, Vide: GLICK, Thomas (ed.). (1974), *The Comparative Reception of Darwinism*, Austin, University of Texas Press; ENGELS, Eve-Marie, GLICK, Thomas (eds.). (2008), *The Reception of Charles Darwin in Europe – Vol. II*, London, Continuum; GLICK, T. (2010), “The Comparative Reception of Darwinism: A Brief History”. *Science & Education*. 19, pp. 693-703; GLICK, Thomas; Elinor Shaffer (eds.). (2012), *The Reception of Charles Darwin in Europe – Volume III*, London and New York, Continuum. (em publicação).

desenvolvimentos mais decisivos no período em que Júlio Henriques se encontrava no auge da sua carreira científica¹⁵⁴.

Ao nível da produção científica, Júlio Augusto Henriques dedicou-se, sobretudo, à classificação de plantas. Adepto das classificações naturais (em oposição às classificações artificiais), a atividade de Júlio Henriques privilegiava a descrição dos critérios da morfologia (externa e interna) das plantas e a indicação da sua distribuição geográfica e do seu “habitat”¹⁵⁵. A questão das origens e a questão das relações filogenéticas estão, aparentemente, ausentes do seu trabalho. É certo que, em alguns dos seus trabalhos de classificação, encontramos referências a “afinidades”, “formas de transição” ou “intermediários”¹⁵⁶. No entanto, estes termos devem ser interpretados com a devida precaução, pois não são necessariamente reveladores de um discurso de orientação evolucionista¹⁵⁷. Seja como for, num trabalho pedagógico, Júlio Henriques mostrou-se consciente da importância do estabelecimento de relações entre os organismos e do conhecimento das respetivas origens para a classificação:

«O estudo particular das diversas formas vegetais, mostrando as relações mais ou menos estreitas entre as diversas plantas, pôde dar elementos para se chegar a saber a origem d'essas formas, e pôde demonstrar as relações dos vegetais

¹⁵⁴ Sobre este assunto, Vide, por exemplo: MAYR, Ernst. (1982), *The growth of biological thought: diversity, evolution and inheritance*, Cambridge, Mass., The Belknap Press of Harvard University Press; GAYON, Jean. (1992), *Darwin et l'après Darwin: Une histoire de l'hypothèse de sélection naturelle*, Paris, Editions Kimé; GOULD, Stephen Jay. (2002), *The structure of evolutionary theory*, Cambridge, Mass. and London, The Belknap Press of Harvard University Press; BOWLER, Peter J. (2009), *Evolution: the history of an idea, 25th Anniversary Edition, With a New Preface*, 3rd edition, completely revised and expanded. Berkeley, Los Angeles and London, University of California Press; RUSE, Michael. (2002), *The evolution wars: a guide to the debates*, New Brunswick, New Jersey, and London, Rutgers University Press; FONSECA, P. R., PEREIRA, A. L., PITA, J. R. (2011), “A história do evolucionismo no século XX: metodologias e perspectivas historiográficas”. *Estudos do Século XX* 11, pp. 373-388. Os autores do presente trabalho publicaram recentemente uma cronologia especializada sobre a história do evolucionismo. Vide: PITA, J. R.; PEREIRA, A. L.; FONSECA, P. R. (2011), “Darwin, Evolution, Evolutionism: A Selective Chronology (1809-2009)”. In: PEREIRA, Ana Leonor, PITA, João Rui, FONSECA, Pedro Ricardo (eds.). (2011), *Darwin, Evolution, Evolutionism*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 19-22.

¹⁵⁵ Vide, por exemplo: HENRIQUES, Júlio Augusto. (1895), *Lições de botânica especial – anno lectivo de 1894-1895*, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 3.

¹⁵⁶ Vide, por exemplo: HENRIQUES, J. A. (1895), “Contribuição para o estudo da flora portuguesa – Cryptogamicas vasculares”. *Boletim da Sociedade Broteriana* 12, pp. 57-96, p. 70, 77, 80; Idem (1897), “Contribuição para o estudo da flora portuguesa – Plantaginaceas”. *Boletim da Sociedade Broteriana* 14, pp. 67-81, pp. 72-74, 76, 78; Idem (1903), “Subsídio para o conhecimento da flora portuguesa – Gramineas (Gramineae)”. *Boletim da Sociedade Broteriana* 20, pp. 1-183, p. 44, 48, 73.

¹⁵⁷ Recordamos o caso muito semelhante assinalado por Carlos Alença em relação ao zoólogo de J. V. Barbosa du Bocage (1823-1907). Vide: ALMAÇA, Carlos. (1993), *Bosquejo histórico da zoologia em Portugal*, Lisboa, Museu Nacional de História Natural – Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico (Museu Bocage), pp.29-30.

actuaes com as das d'outras epochas geologicas e é em fim a unica base para a classificaçõs¹⁵⁸

A ausência de questões do foro evolucionista nos trabalhos de classificação de finais do século XIX e inícios do século XX constitui, de resto, a regra e não a exceção. Como mostrou Kevin De Queiroz, o impacto do evolucionismo sobre a classificação foi bastante tardio¹⁵⁹.

Julio Henriques elaborou um número considerável de trabalhos pedagógicos. Alguns deles abordam temas direta e indiretamente relacionados com a evolução. A extensão do presente texto obrigou-nos a circunscrever a nossa análise a apenas um desses trabalhos. Atendendo à importância que dispensa a questões do foro evolucionista, à circunstância de ter sido publicado simultaneamente em Portugal, em França e no Brasil, e de, aparentemente, se tratar de um trabalho pouco conhecido¹⁶⁰, a nossa escolha recai sobre o manual *Elementos de História Natural. Zoologia, Botânica, Mineralogia e Geologia. Segundo os programas dos exames de admissão à Faculdade de Medicina, e à Escola Politécnica e o programa de ensino da Escola do Exército do Rio de Janeiro* (1914)¹⁶¹. Este manual, elaborado em colaboração com outros dois autores, é constituído por três partes independentes: zoologia, botânica, e mineralogia e geologia. A parte de botânica, da autoria de Julio Henriques, dispensa uma atenção considerável à evolução, abordando temas como a adaptação, a luta pela vida, a seleção natural e as relações filogenéticas¹⁶². Na passagem que se segue, por exemplo, a influência da teorização biológica de Charles Darwin é facilmente

¹⁵⁸ HENRIQUES, Júlio Augusto. (1895), *Lições ...*, p. 3. Júlio Henriques manteve-se fiel a esta posição. Com efeito, em 1911, noutro trabalho pedagógico, afirmava: «Actualmente o numero de especies conhecidas passa de 200.000. Para o estudo d'ellas é absolutamente indispensavel a classificaçõ, e esta deve ser tão natural, quanto possível, pois que nos deve não só facilitar a determinaçõ e estudo das especies, mas ainda fazer conhecer as relações de parentesco e portanto de origem de todas ellas». HENRIQUES, Júlio Augusto. (1911), *Programma das Lições na Cadeira de Botânica: Botânica Especial e Geographia Botânica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 3.

¹⁵⁹ Vide: QUEIROZ, K. de (1988), "Systematics and the Darwinian Revolution". *Philosophy of Science*, 55, pp. 238-259, sobretudo pp. 238-243.

¹⁶⁰ Este trabalho não se encontra referenciado na lista bibliográfica elaborada por J. T. M. Pereira (1980) e, tanto quanto nos foi possível averiguar, não foi analisado ou referenciado por nenhum dos autores que se têm ocupado do estudo de Júlio Henriques.

¹⁶¹ MACHADO, António, HENRIQUES, Júlio Augusto, SIMAS, F. de. (1914). *Elementos de História Natural. Zoologia, Botânica, Mineralogia e Geologia. Segundo os programas dos exames de admissão à Faculdade de Medicina, e à Escola Politécnica e o programa de ensino da Escola do Exército do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Paris e Lisboa, Livraria Francisco Alves, Livraria Aillaud, Livraria Bertrand.

¹⁶² Abordando as diferentes formas de classificação biológica, e em estreita conexão com o tema da influência do evolucionismo sobre a classificação, Júlio Henriques afirma que: "A classificação será tanto melhor, quanto melhor indicar o grau de parentesco que se observar entre os diversos grupos". MACHADO, António, HENRIQUES, Júlio Augusto, SIMAS, F. de., 1914, pp. 291-292.

perceptível, com Júlio Henriques a abordar a competição entre espécies e entre indivíduos da mesma espécie, a sobrevivência dos mais fortes na luta pela vida e a analogia entre a seleção natural e a seleção artificial:

«O desenvolvimento das plantas da mesma espécie pode não ser igual em todas, ou porque as sementes não eram igualmente organizadas, ou porque as condições externas impediram o desenvolvimento normal. Uma, por isso, suplantará as outras, ficando a melhor organizada. O que se dá entre indivíduos da mesma espécie, dá-se entre indivíduos de espécies diferentes. Sempre os indivíduos melhor organizados e mais adaptáveis às condições externas serão os vencedores na luta pela vida. Os fracos desaparecerão pouco a pouco, e os fortes resistirão. É a seleção natural. É o que o homem faz para obter plantas que prestam utilidade, selecionando os produtores as que melhores qualidades oferecerem.»¹⁶³

Júlio Henriques traduziu para Língua Portuguesa diversos trabalhos científicos de autores estrangeiros¹⁶⁴. Entre eles, contam-se alguns textos com interesse para a temática evolucionista, como, por exemplo, a obra *Elementos de botânica de 1877*¹⁶⁵, uma tradução de um livro da autoria de Joseph Dalton Hooker (1817-1911), um dos amigos mais chegados de Charles Darwin e um dos mais importantes defensores da sua teoria biológica¹⁶⁶. Esta obra de divulgação científica aborda inúmeros temas relacionados com a evolução biológica. Por exemplo, sublinha a crescente primazia da teoria evolucionista sobre a teoria criacionista na explicação da origem das espécies, com especial atenção à realidade do mundo vegetal:

*«Duas theorias ha para explicar a origem das especies. Uma – a da **creação** independente, – admite que as especies foram creadas taes como hoje existem, e para cada uma um ou muitos casoes. Na segunda – a da **evolução** – consideram-se todas as especies derivadas d’um só ou d’alguns seres d’organisação simples, primitivamente creados. A primeira é puramente especulativa e por isso mesmo incapaz de prova real. Não podendo ensinar nada nem suggerir a menor ideia, oppõem-se abertamente a todo o espirito investigador. A segunda, verdadeira em todos os seus principios, ou só em parte d’elles, tem em pouco tempo adquirido partidarios, e isto porque dá explicação de muitos phenomenos vegetaes; porque*

¹⁶³ MACHADO, António, HENRIQUES, Júlio Augusto, SIMAS, F. de., 1914, p. 279.

¹⁶⁴ Vide: PEREIRA, 1980, p. lviii, lcviii.

¹⁶⁵ HOOKER, Joseph Dalton (1877), *Elementos de botânica*, Traduzida da 3.ª edição inglesa com permissão do autor por Júlio Henriques. Porto e Braga, Livraria Moré.

¹⁶⁶ Sobre a ação decisiva de Joseph Dalton Hooker enquanto apoiante da teoria biológica de Darwin, Vide, por exemplo: BROWNE, Janet. (1995), *Charles Darwin – The Power of Place*, New York, Knopf; Idem. (2008), *A origem das espécies de Charles Darwin*, Lisboa, Gradiva.

*ensina muita coisa, perfeitamente provada; porque tem feito lembrar muitas observações curiosas e porque tem guiado os passos a muitos observadores, que tem descoberto factos completamente novos nos diversos ramos da botânica.»¹⁶⁷
(Ênfase no original).*

Joseph Dalton Hooker enumera, de seguida, sete princípios sobre os quais assenta a teoria evolucionista¹⁶⁸, sendo que, entre eles, encontramos algumas das ideias-chave do darwinismo. Por exemplo, de acordo com o sétimo princípio apresentado pelo botânico inglês, a acumulação de pequenas modificações ao longo das gerações pode dar origem a novas espécies e mesmo a grupos taxonómicos superiores:

«[...] apesar de pequena diferença que se nota entre a espécie e a sua variedade, estas diferenças, acumulando-se sucessivamente de geração em geração, podem dar em resultado diferenças iguais às que se encontram entre espécies distintas ou mesmo entre generos ou grupos ainda superiores»¹⁶⁹.

Júlio Henriques também traduziu para Língua Portuguesa um trabalho sobre Charles Darwin da autoria do botânico Alphonse de Candolle (1806-1893)¹⁷⁰, com quem o botânico português se correspondeu¹⁷¹. Publicado poucos meses após o falecimento do naturalista inglês em abril de 1882, o trabalho inclui uma nota infrapaginial, na qual Júlio Henriques apresenta os motivos que o levaram a traduzir este trabalho:

«Tem uma importancia de primeira ordem tudo quanto diz respeito a Darwin, inquestionavelmente um dos naturalistas de maior vulto da epocha actual: por isso me dei ao trabalho de vertier para a nossa linguagem o artigo muito notavel que na Revista Scientifica de Genebra publicou o sr. A. de Candolle, nome respeitabilissimo para quantos cultivam as sciencias naturaes. D'esta forma o nosso jornal presta culto á memoria do sabio inglez.»¹⁷²

Júlio Henriques escreveu várias notícias necrológicas e textos de homenagem sobre personalidades que se evidenciaram na História do Evolucionismo. Por exemplo,

¹⁶⁷ HOOKER, 1877, pp. 154-155.

¹⁶⁸ Idem, *ibidem*, pp. 154-157.

¹⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 157.

¹⁷⁰ CANDOLLE, A. de. (1882-1883), "Sciencias Physico-Mathematicas - C. Darwin: causas do successo de seus trabalhos e importancia d'elles [Tradução de Júlio Augusto Henriques]". *O Instituto*, 2.ª Série, 30, pp. 344-363.

¹⁷¹ Vide: HENRIQUES, J. A. (1893), "Alfonso de Candolle". *Boletim da Sociedade Brotteriana*, 11, pp. 5-8, p. 8.

¹⁷² CANDOLLE, 1882-1883, nota infrapaginial n.º 1, p. 344.

escreveu notícias necrológicas sobre: Asa Gray (1810-1888)¹⁷³, um dos principais divulgadores das ideias de Charles Darwin nos E. U. A. e um dos primeiros autores a tentar a conciliação entre o darwinismo e o cristianismo; Joseph Dalton Hooker¹⁷⁴, com quem se chegou a corresponder;¹⁷⁵ e Alfred Russel Wallace (1823-1913)¹⁷⁶, co-autor da teoria da evolução por seleção natural. Como já foi referido, pouco tempo após a morte de Charles Darwin, foi publicada a tradução realizada por Júlio Henriques de um trabalho da autoria de Alphonse de Candolle¹⁷⁷. Em março de 1882, apenas um mês antes do falecimento de Charles Darwin, havia sido publicado um artigo em sua homenagem por ocasião do 73.º aniversário da autoria de Júlio Henriques¹⁷⁸. Neste texto, Júlio Henriques revela a sua admiração por Charles Darwin, bem como a sua disponibilidade para divulgar as ideias do naturalista inglês: «[O texto de homenagem] é uma manifestação sincera de admiração e significa um desejo profundo de fazer conhecido o nome e as ideias elevadas de quem tanto e tão honradamente tem trabalhado em prol do progresso da inteligência humana»¹⁷⁹.

O ano de 1909 foi ano de dupla comemoração darwiniana. Celebrou-se o 100.º aniversário de Charles Darwin e o 50.º aniversário da primeira publicação de *On the origin of species* ... A Universidade de Cambridge (Inglaterra), onde Charles Darwin estudou (1828-1831), foi o palco principal das celebrações a nível mundial, reunindo cientistas e dignitários de universidades e instituições científicas de todo o mundo. Egas

¹⁷³ HENRIQUES, J. A. (1888), "Necrologia". *Boletim da Sociedade Broteriana*, 6, pp. 250-252. Júlio Henriques refere que, com a morte de Asa Gray, "A America do Norte perdeu o maior botânico, que a grande republica tinha produzido", p. 251.

¹⁷⁴ HENRIQUES, J. A. (1911), "Sir Joseph Dalton Hooker". *Boletim da Sociedade Broteriana*, 26, pp. iii-iv; IDEM (1914), "Mortos ilustres", *Revista da Universidade de Coimbra*, 3, 1914, pp. 619-637. No trabalho publicado no 26.º volume do *Boletim da Sociedade Broteriana*, dedicado precisamente à memória de Joseph Dalton Hooker, Júlio Henriques refere-se à contribuição do botânico inglês para a elaboração e a defesa da teoria biológica de Charles Darwin: «Nas grandes viagens fez estudos importantes sobre a geographia das plantas, procurando interpretar as diferenças de vegetação nas diversas regiões como effeito das condições climáticas, prevendo a theoria da transformação das especies, que com Darwin desenvolveu e da qual foi constante defensor. Ainda em 1909 (sic), por occasião da tolemne celebração do anniversario do nascimento de Darwin, coincidindo com o quinquagesimo anno da publicação da theoria, Hooker, já então de 91 annos de idade, fez um interessantissimo discurso sobre trabalhos do seu amigo e companheiro», p. iv.

¹⁷⁵ Vide, por exemplo: HENRIQUES, J. A. (1884), "Nota sobre a proveniência do *Cypripedium glauca* e sobre a epocha da introdução d'esta especie em Portugal". *Boletim Annual da Sociedade Broteriana*, 3, pp. 124-128.

¹⁷⁶ HENRIQUES, 1914. Júlio Henriques dá especial relevo à história da amizade entre Alfred Wallace e Charles Darwin, referindo até um dos pontos de divergência dos dois naturalistas, a crença do primeiro numa entidade espiritual superior: «Não foi materialista, pois sempre conservou a ideia da existência dum ser que no Universo obra como creador, organizador e dirigente de tudo tanto no nosso Universo, como em todos os Universos possiveis», p. 634.

¹⁷⁷ CANDOLLE, 1882-1883.

¹⁷⁸ HENRIQUES, J. A. (1882), "Carlos Darwin". *Jornal de Horticultura Pratica*. (Porto), 13, pp. 41-44.

¹⁷⁹ Idem, *ibidem*, pp. 43-44.

Pintos Basto (1881-1937), precisamente em substituição de Júlio Henriques, pela Universidade de Coimbra, Azólio Ferreira de Lacerda (1863-1921), pela Academia Politécnica do Porto, e Francisco Silva Teles (1860-1930) pela Sociedade de Geografia de Lisboa e pelo Curso Superior de Letras, foram os representantes de Portugal¹⁸⁰. Júlio Henriques assinalou a dupla comemoração darwiniana com a publicação de dois artigos no *Boletim da Sociedade Broteriana*¹⁸¹. Num desses artigos, o botânico português fez questão de sublinhar que as ideias contidas na obra fundamental de Charles Darwin de 1859 “[...] deram às sciencias historico-naturaes uma orientação nova de grande alcance, podendo dizer-se sem hesitação que marcaram o inicio d’uma nova era extremamente fecunda”¹⁸².

Embora a extensão pretendida para o presente trabalho não nos tenha permitido abordar as diferentes problemáticas relacionadas com o nosso objeto de estudo com a profundidade desejada, julgamos que a nossa exposição forneceu elementos importantes para podermos proceder à resposta das questões que colocámos no início do trabalho. A produção científica de Júlio Henriques não parece ter sido influenciada por conceitos evolucionistas, realidade que, de um modo geral, se aplica à maioria dos biólogos que se dedicava à classificação nos finais do século XIX e inícios do século XX. Os seus trabalhos pedagógicos incluíam tópicos direta e indiretamente relacionados com a evolução biológica, sendo que um dos mais significativos a esse respeito foi publicado simultaneamente em Portugal, em França e no Brasil. Júlio Henriques dedicou-se à divulgação de ideias evolucionistas no nosso país, sobretudo através da tradução de trabalhos relevantes, quer da autoria, quer sobre, evolucionistas célebres. O botânico português manteve-se informado sobre alguns dos acontecimentos mais relevantes ao nível da História do Evolucionismo, como o comprovam as notícias necrológicas que escreveu sobre evolucionistas conceituados e os textos de homenagem que escreveu sobre Charles Darwin.

Podemos, assim, concluir que a relação de Júlio Henriques com o pensamento evolucionista não se limitou aos seus trabalhos de 1865 e 1866, prolongando-se pelas

¹⁸⁰ Vide: PEREIRA, 2001, pp. 81-82; PEREIRA, A. L., FONSECA, P. R. (2012), “The Darwin centennial celebrations in Portugal”. In: GLICK, Thomas, SHAFFER, Elinor (eds.). (2012), *The Reception of Charles Darwin in Europe – Volume III*, London and New York, Continuum. (em publicação).

¹⁸¹ HENRIQUES, J. A. (1908-1909) “Carlos Darwin 1809-1909”. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 24, pp. 5-6; Idem (1908-1909), “Celebração do centenario do nascimento de Ch. Darwin”. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 24, pp. 245-246.

¹⁸² Idem (1908-1909), “Carlos Darwin ...”, pp. 5-6, p. 5.

décadas iniciais do século XX e revelando vários pontos de interesse para a História do Evolucionismo em Portugal. As particularidades dessa relação reforçam, por um lado, a necessidade de se estudar a posição de outros naturalistas portugueses perante o evolucionismo, e, por outro, aconselham-nos a não limitar a nossa pesquisa apenas à análise dos seus trabalhos científicos. Um bom começo para esse trabalho de investigação seria seguramente o estudo de alguns dos muitos colaboradores e discípulos que Júlio Henriques teve ao longo da sua vida. A esse respeito, sabemos, por um lado, que alguns dos seus discípulos escreveram trabalhos importantes sobre temáticas evolucionistas. São disso exemplo, entre outros, Luís Wittnich Carrisso (1886-1937)¹⁸³, discípulo de Júlio Henriques e seu sucessor enquanto professor catedrático de botânica e diretor do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, e Rui Teles Palhinha (1871-1957)¹⁸⁴, discípulo de Júlio Henriques e professor catedrático de Botânica na Universidade de Lisboa e diretor do Jardim Botânico de Lisboa. Mas, por outro lado, pouco ou nada sabemos sobre a posição de alguns dos seus colaboradores mais próximos, como por exemplo, António Xavier Pereira Coutinho e Gonçalo Sampaio, os dois naturalistas que, juntamente com Júlio Henriques, protagonizaram a revitalização dos estudos botânicos em Portugal.

Pensamos que investigações futuras nos poderão ajudar a encontrar respostas para estas e outras questões relacionadas com a História do Evolucionismo em Portugal. De momento, resta-nos sublinhar uma vez mais que Júlio Henriques, além de ter sido pioneiro na introdução de Darwin na ciência portuguesa, foi também um importante cultor do evolucionismo em Portugal nos finais do século XIX e inícios do século XX.

Bibliografia

ALMAÇA, Carlos. (1993), *Bosquejo histórico da zoologia em Portugal*, Lisboa, Museu Nacional de História Natural – Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico (Museu Bocage).

¹⁸³ Vide: CARRISSO, L. W. (1910), *Hereditariedade*. Dissertação manuscrita para o acto de licenciatura, Coimbra, Edição do Autor; Idem (1915), "Vegetais e animais". *Revista da Universidade de Coimbra*, 4, pp. 535-541. Para uma leitura compreensiva do trabalho de 1910 de Luís Carrisso no quadro da História do Evolucionismo, Vide: PEREIRA, A. L., FONSECA, P. R. (2009-2010), "A dissertação manuscrita *Hereditariedade* (1910, 236 fl.) de Luís Wittnich Carrisso no contexto do 'eclipse do Darwinismo'". *Antropologia Portuguesa*, 26-27, pp. 29-48.

¹⁸⁴ PALHINHA, Rui Teles (1895), *Estudo sobre a origem da vida no globo terrestre*. Dissertação de concurso, Coimbra, Imprensa da Universidade; Idem (1925), "O estado actual das ideias de adaptação em face da biologia moderna". *Jornal da Sociedade Farmacêutica Lusitana*, 17.ª Série, 1, pp. 3-14.

- IDEM. (1997), *O Darwinismo na Universidade Portuguesa (1865-1890)*, Lisboa, Museu Bocage.
- BOWLER, Peter J. (2009), *Evolution: the history of an idea, 25th Anniversary Edition, With a New Preface*. 3rd edition, completely revised and expanded. Berkeley, Los Angeles and London, University of California Press.
- BROWNE, Janet. (1995), *Charles Darwin – The Power of Place*, New York, Knopf.
- IDEM. (2008), *A origem das espécies de Charles Darwin*, Lisboa, Gradiva.
- CANDOLLE, A. de. (1882-1883), "Sciencias Physico-Mathematicas – C. Darwin: causas do successo de seus trabalhos e importancia d'elles [Tradução de Júlio Augusto Henriques]". *O Instituto*. 2.ª Série, 30, pp. 344-363.
- CARRISSO, L. W. (1910), *Hereditariedade*. Dissertação manuscrita para o acto de licenciatura, Coimbra, Edição do Autor.
- IDEM. (1915), "Vegetais e animais". *Revista da Universidade de Coimbra*. 4, pp. 535-541.
- ENGELS, Eve-Marie, GLICK, Thomas (eds.). (2008), *The Reception of Charles Darwin in Europe – Vol. II*, London, Continuum.
- FONSECA, P. R., PEREIRA, A. L., PITA, J. R. (2011), "A história do evolucionismo no século XX: metodologias e perspectivas historiográficas". *Estudos do Século XX*. 11, pp. 373-388.
- GAYON, Jean. (1992), *Darwin et l'après Darwin: Une histoire de l'hypothèse de sélection naturelle*, Paris, Editions Kimé.
- GLICK, Thomas (ed.). (1974), *The Comparative Reception of Darwinism*, Austin, University of Texas Press.
- IDEM. (2010), "The Comparative Reception of Darwinism: A Brief History". *Science & Education*. 19, pp. 693-703.
- GLICK, Thomas; Elinor Shaffer (eds.). (2012), *The Reception of Charles Darwin in Europe – Volume III*, London and New York, Continuum. (em publicação).

GOULD, Stephen Jay. (2002), *The structure of evolutionary theory*, Cambridge, Mass. and London, The Belknap Press of Harvard University Press.

HENRIQUES, Julio Augusto. (1865), *As espécies são mudáveis?*. Dissertação para o ato de conclusões magnas, Coimbra, Imprensa da Universidade.

— (1866), *Antiguidade do homem*. Dissertação de concurso, Coimbra, Imprensa da Universidade.

— (1882), "Carlos Darwin". *Jornal de Horticultura Pratica*. (Porto), 13, pp. 41-44.

— (1884), "Nota sobre a proveniência do *Cupressus glauca* e sobre a epocha da introdução d'esta especie em Portugal". *Boletim Annual da Sociedade Broteriana*. 3, pp. 124-128.

— (1888), "Necrologia". *Boletim da Sociedade Broteriana*. 6, pp. 250-252.

— (1893), "Affonso de Candolle". *Boletim da Sociedade Broteriana*. 11, pp. 5-8.

— (1895), "Contribuição para o estudo da flora portugueza - Cryptogamicas vasculares". *Boletim da Sociedade Broteriana*. 12, pp. 57-96.

— (1895), *Lições de botanica especial - anno lectivo de 1894-1895*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

— (1897), "Contribuição para o estudo da flora portugueza - Plantaginaceae". *Boletim da Sociedade Broteriana*. 14, pp. 67-81, pp. 72-74.

— (1903), "Subsidio para o conhecimento da flora portugueza - Gramineas (Gramineae)". *Boletim da Sociedade Broteriana*. 20, pp. 1-183.

— (1908-1909) "Carlos Darwin 1809-1909". *Boletim da Sociedade Broteriana*. 24, pp. 5-6.

— (1908-1909), "Celebração do centenario do nascimento de Ch. Darwin". *Boletim da Sociedade Broteriana*. 24, pp. 245-246.

— (1911), "Sir Joseph Dalton Hooker". *Boletim da Sociedade Broteriana*. 26, pp. iii-iv.

— (1911), *Programma das Lições na Cadeira de Botanica: Botanica Especial e Geographia Botanica*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

— (1914), “Mortos ilustres”, *Revista da Universidade de Coimbra*. 3, 1914, pp. 619-637.

HOOKER, Joseph Dalton (1877), *Elementos de botânica*, Traduzida da 3.ª edição inglesa com permissão do auctor por Julio Henriques. Porto e Braga, Livraria Moré.

LOUREIRO, Ana Catarina Capelo. (2007), *Júlio Augusto Henriques: pioneiro nas ideias evolucionistas em Portugal*. Tese de mestrado, s. l., s. n.

MACHADO, António, HENRIQUES, Julio Augusto, SIMAS, F. de. (1914). *Elementos de História Natural. Zoologia, Botânica, Mineralogia e Geologia. Segundo os programas dos exames de admissão à Faculdade de Medicina, e à Escola Politécnica e o programa de ensino da Escola do Exército do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Paris e Lisboa, Livraria Francisco Alves, Livraria Aillaud, Livraria Bertrand.

MAYR, Ernst. (1982), *The growth of biological thought: diversity, evolution and inheritance*, Cambridge, Mass., The Belknap Press of Harvard University Press.

PALHINHA, Rui Teles (1893), *Estudo sobre a origem da vida no globo terrestre*. Dissertação de concurso, Coimbra, Imprensa da Universidade.

IDEM. (1925), “O estado actual das ideias de adaptação em face da biologia moderna”. *Jornal da Sociedade Farmaceutica Lusitana*. 17.ª Série, 1, pp. 3-14.

PEREIRA, Ana Leonor. (1991), “O espírito científico contemporâneo na Universidade de Coimbra. Júlio Augusto Henriques”. In: *Universidade(s) – História. Memória. Perspectivas. Actas do Congresso “História da Universidade (No 7º Centenário da sua fundação)”*, Coimbra, Comissão Organizadora do Congresso “História da Universidade”, Vol. 1, pp. 347-365.

IDEM. (2001), *Darwin em Portugal. Filosofia. História. Engenharia Social – (1865-1914)*, Coimbra, Livraria Almedina.

PEREIRA, A. L., FONSECA, P. R. (2009-2010), “A dissertação manuscrita *Hereditariedade* (1910, 236 fl.) de Luis Wittnich Carrisso no contexto do ‘eclipse do Darwinismo’”. *Antropologia Portuguesa*. 26-27, pp. 29-48.

IDEM. (2012), "The Darwin centennial celebrations in Portugal". In: GLICK, Thomas, SHAFFER, Elinor (eds.). (2012), *The Reception of Charles Darwin in Europe – Volume III*, London and New York, Continuum. (em publicação).

PEREIRA, J. T. M. (1980), "Ensaio de bibliografia henriquesiana". *Boletim da Sociedade Broteriana*. 2.ª Série, 54, p. xxxv-lxix.

PITA, J. R.; PEREIRA, A. L.; FONSECA, P. R. (2011), "Darwin, Evolution, Evolutionisms: A Selective Chronology (1809-2009)". In: PEREIRA, Ana Leonor, PITA, João Rui, FONSECA, Pedro Ricardo (eds.). (2011), *Darwin, Evolution, Evolutionisms*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 19-22.

QUEIROZ, K. de (1988), "Systematics and the Darwinian Revolution". *Philosophy of Science*. 55, pp. 238-259.

RUSE, Michael. (2002), *The evolution wars: a guide to the debates*, New Brunswick, New Jersey, and London, Rutgers University Press.

1819712012

ATAS

I CONGRESSO DE
HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA

Coordenação

Maria Fernanda Rollo (IHC, FCSH-UNL)

Maria Manuela Tavares Ribeiro (CEIS20, UC)

Ana Paula Pires (IHC, FCSH-UNL)

João Paulo Avelãs Nunes (CEIS20, UC)

Ficha técnica

ORGANIZAÇÃO

**Rede de História
Contemporânea**

**Instituto de História Contemporânea
Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas da Universidade Nova de
Lisboa –IHC**


**Centro de Estudos Interdisciplinares
do Século XX da
Universidade de Coimbra -
CEIS20**

COORDENAÇÃO GERAL DA OBRA

Maria Fernanda Rollo

**Revisão e Design:
Cristina Luisa Sizifredo**

ISBN: 978-989-98388-0-2



O I CONGRESSO ANUAL DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA, PROMOVIDO PELA REDE DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, TEVE LUGAR NA
REITORIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA A
18 E 19 DE MAIO DE 2012 E DEDICOU AS SUAS
SESSÕES À APRESENTAÇÃO DE VÁRIOS ESTUDOS
NO DOMÍNIO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA.

O PRESENTE LIVRO DE ACTAS REÚNE
INTERVENÇÕES PROFERIDAS POR
CONFERENCISTAS CONVIDADOS E A
APRESENTAÇÃO DE COMUNICAÇÕES
SUBMETIDAS ATRAVÉS DE CALL FOR PAPERS.

Maio 2013

ISBN: 978-999-96388-0-2